

Harlan Coben

60 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

SEIS ANOS DEPOIS



“Um dos livros mais inteligentes e ambiciosos
que Coben escreveu até hoje.” – *Bookreporter*

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Brad Bradbeer
Sem você, caro amigo, não haveria Win

capítulo 1

SENTEI-ME NO ÚLTIMO BANCO da igreja e fiquei assistindo à única mulher que amaria na vida se casar com outro homem.

Natalie estava de branco, claro, e linda de morrer. Sua beleza sempre fora ao mesmo tempo frágil e levemente forte e, ali no altar, parecia etérea, quase sobrenatural.

Ela mordida o lábio inferior. Lembrei-me daquelas manhãs de preguiça quando, depois de fazermos amor, Natalie vestia minha camisa azul e então descíamos. Nós nos sentávamos à mesa do café e líamos o jornal, até que ela pegava um bloco e começava a desenhar. Enquanto fazia um esboço meu, mordida o lábio daquele jeito.

Meu coração parecia estar sendo rasgado em dois.

Por que eu tinha vindo?

Você acredita em amor à primeira vista? Nem eu. Mas acredito numa grande atração à primeira vista, mais que física. Acho que de vez em quando – em uma ou duas ocasiões na vida – nos sentimos fascinados por uma pessoa, de forma muito profunda, primordial e imediata, um encanto mais que magnético. Foi assim com Natalie. Às vezes não passa disso. Em outras cresce, esquenta e se transforma numa chama gloriosa, que sabemos ser verdadeira e destinada a durar para sempre.

Muitas vezes nos enganamos, achando que o fascínio inicial vai durar eternamente.

Pensei, com ingenuidade, que ficaríamos juntos para sempre. Eu, que nunca havia de fato acreditado em compromisso e sempre fizera de tudo para escapar a seus grilhões, soube na mesma hora – bem, depois de uma semana na verdade – que aquela era a mulher que acordaria ao meu lado todos os dias. Era a mulher que eu protegeria, mesmo que fosse necessário sacrificar a minha vida. A mulher – sim, sei quanto isso parece banal – sem a qual não conseguiria fazer nada, que tornaria importantes até as coisas mais corriqueiras.

Eu sei, tão meloso que dá vontade de vomitar, né?

Um pastor de cabeça muito bem raspada estava falando, mas o sangue latejando em meus ouvidos tornava impossível entender suas palavras. Eu tinha os olhos fixos em Natalie. Queria que ela fosse feliz. Não era hipocri-

sia, aquela mentira que contamos a nós mesmos com frequência porque, na verdade, se nosso amor não nos quer mais, desejamos que seja infeliz. Eu estava sendo sincero. Se acreditasse mesmo que ela seria mais feliz sem mim, deixaria que partisse, por mais doloroso que fosse. Mas não acreditava que Natalie seria mais feliz, apesar do que tinha dito ou feito. Ou talvez isso fosse outra racionalização, outra mentira, que eu contava a mim mesmo.

Natalie mal me olhou, mas vi sua boca se enrijecer. Ela sabia que eu estava lá. Mantinha os olhos no futuro marido. Seu nome, eu descobrira recentemente, era Todd. Odeio esse nome. Todd. Era provável que as pessoas o chamassem de Toddy.

O cabelo de Todd era comprido demais e ele tinha aquela barba por fazer que algumas pessoas consideram moderna e outras, como eu, abominam. Seu olhar passeava tranquilo e satisfeito pelos convidados até parar... bem, em mim. Deteve-se por um segundo, me avaliando, até chegar à conclusão de que eu não valia o esforço.

Por que Natalie voltara para ele?

A dama de honra era a irmã dela, Julie. Estava de pé no altar, segurando um buquê com as duas mãos e, nos lábios, um sorriso sem vida, mecânico. Nunca nos conhecemos, mas eu tinha visto fotos suas e ouvira as duas falando ao telefone. Ela também parecia perplexa com aquilo. Tentei fitar seus olhos, mas eles pareciam estar a um quilômetro de distância.

Voltei a olhar para o rosto de Natalie e foi como se pequenos explosivos detonassem dentro do meu peito. Tinha sido uma péssima ideia. Quando o padrinho entregou as alianças, meus pulmões começaram a falhar, tornando difícil respirar.

Chega.

Eu tinha que ver isso com meus próprios olhos, acho. Descobri da pior forma possível que precisava disso. Meu pai tinha morrido de um infarto fulminante fazia cinco meses. Nunca tivera problemas de coração e, para todos os efeitos, estava em ótima forma. Lembro-me de estar sentado na sala de espera do hospital, de ser chamado ao consultório do médico e de receber a notícia devastadora – e de me perguntarem, ali e na funerária, se eu queria ver o corpo. Recusei. Pensei que não queria me lembrar dele deitado numa maca ou num caixão. Preferia guardar a lembrança de como ele havia sido.

Mas, conforme o tempo passava, comecei a ter problemas para aceitar

sua morte. Meu pai era tão vibrante e cheio de vida! Dois dias antes de ele morrer, tínhamos ido a um jogo de hóquei do New York Rangers – meu pai comprava os ingressos para a temporada inteira – e a partida fora prorrogada. Gritamos, torcemos e, caramba, como ele podia estar morto agora? Parte de mim começou a se perguntar se não teria havido algum engano ou se aquilo tudo não era uma grande farsa e talvez meu pai ainda estivesse vivo. Sei que não faz o menor sentido, mas o desespero consegue mexer conosco e, se damos a ele algum espaço, respostas alternativas começam a surgir.

Outra parte de mim ficou obcecada pelo fato de eu nunca ter visto o corpo do meu pai. Não quis cometer o mesmo erro outra vez. Mas, para continuar com a comparação ruim, agora eu tinha visto o cadáver. Não havia necessidade de checar o pulso.

Tentei ir embora o mais discretamente possível, o que não é muito fácil quando se mede 1,98 metro e se tem um físico “de lenhador”, para usar uma expressão de Natalie. Tenho as mãos grandes. Ela as adorava. Segurava-as nas suas e percorria as linhas da minha palma com a ponta do dedo. Falava que eram mãos de verdade, de homem. Também as desenhara porque dizia que contavam minha história – minha criação operária, meu esforço para pagar os estudos no Lanford College, trabalhando como segurança numa casa noturna local, e também o fato de que agora eu era o professor mais jovem do departamento de Ciência Política.

Saí cambaleando da pequena capela branca para o ar cálido de verão. Verão. Será que não tinha passado disso? Um romance de verão? Em vez de dois jovens lascivos buscando atividade sexual num acampamento, éramos dois adultos procurando solidão num retiro – ela, para criar sua arte, e eu, para escrever minha dissertação de ciência política –, que se conheceram, apaixonaram-se loucamente e, agora que o outono estava chegando... Bem, o que é bom dura pouco. Todo o nosso relacionamento teve esse caráter irreal, os dois distantes de suas vidas normais e sujeitos ao lugar-comum que acompanha essas situações. Talvez por isso tenha sido tão extraordinário. Talvez o fato de só termos ficado juntos nessa bolha afastada da realidade tenha tornado nossa relação melhor e mais intensa. Talvez eu estivesse apenas exagerando.

Por trás das portas da igreja, ouvi gritos animados e aplausos. Aquilo me arrancou do meu estupor. A cerimônia havia terminado. Todd e Natalie eram agora o Sr. e a Sra. Barba Por Fazer. Em breve, desceriam o corredor

em direção à saída. Será que as pessoas jogariam arroz? Todd provavelmente não iria gostar disso. Iria estragar o cabelo e ficar preso na barba.

Eu não precisava ver mais nada.

Dirigi-me para os fundos da capela branca, saindo de cena bem na hora em que as portas se abriram. Olhei para o vazio. Nada ali, a não ser, claro, espaço vazio. Havia árvores ao longe. Os chalés ficavam do outro lado do morro. A capela era parte do retiro para artistas onde Natalie estava. O meu era mais à frente na estrada, um retiro para escritores. Ambos eram antigas fazendas de Vermont que ainda cultivavam alguns produtos orgânicos.

– Oi, Jake.

Virei-me em direção à voz familiar. Bem ali, a não mais de 10 metros de distância, estava Natalie. Olhei rapidamente para seu anelar esquerdo. Como se lesse meus pensamentos, ela levantou a mão para mostrar a aliança.

– Parabéns – falei. – Fico muito feliz por você.

Ela ignorou o comentário.

– Não acredito que você está aqui.

Abri os braços.

– Soube que ia ter uns salgadinhos maravilhosos. É difícil resistir.

– Engraçadinho.

Dei de ombros enquanto meu coração virava pó e era levado pelo vento.

– Todo mundo falava que você não viria – disse Natalie. – Mas eu sabia que sim.

– Eu ainda amo você.

– Eu sei.

– E você ainda me ama.

– Não, Jake. Está vendo?

Ela agitou a mão com a aliança na frente do meu rosto.

– Querida? – Todd e sua barba surgiram de repente. Ele me viu e franziu a testa. – Quem é esse?

Mas estava na cara que ele sabia.

– Jake Fisher – falei. – Parabéns pelo casamento.

– De onde o conheço?

Deixei Natalie responder. Ela pôs a mão sobre o ombro dele de um jeito reconfortante e disse:

– Jake posa para vários de nós. Você provavelmente o reconheceu de alguns trabalhos.

Ele continuava com a testa franzida. Natalie se colocou entre nós dois e falou:

– Você pode nos dar só um segundo? Já estou indo.

Todd olhou para mim. Não me mexi. Não recuei um passo sequer. Não olhei para o outro lado.

De má vontade, ele disse:

– Ok. Mas não demore.

Lançou-me mais um olhar duro e deu meia-volta, contornando a capela. Natalie se virou para mim. Apontei na direção em que Todd havia desaparecido.

– Ele parece ser divertido.

– Por que você está aqui?

– Precisava dizer que a amo – falei – E que sempre vou amar.

– Acabou, Jake. Siga em frente. Você vai ficar bem.

Eu não disse nada.

– Jake?

– O que foi?

Ela inclinou um pouco a cabeça. Sabia o estrago que aquele gesto causava em mim.

– Prometa que vai nos deixar em paz.

Continuei ali, parado.

– Prometa que não vai nos seguir, telefonar nem mandar e-mail.

A dor no peito aumentou, incisiva e pesada.

– Prometa, Jake. Prometa que vai nos deixar em paz.

Seus olhos estavam fixos nos meus.

– Ok. Eu prometo.

Sem mais uma palavra, Natalie se afastou, voltando para a frente da capela, em direção ao homem com quem acabara de se casar. Fiquei ali mais um instante, tentando recuperar o fôlego. Quis ter raiva, não dar bola, deixar para lá e pensar que era ela quem estava perdendo. Tentei isso tudo. Cheguei até a tentar ser maduro em relação àquilo, mas sabia que era uma técnica de enrolação para não precisar encarar o fato de que ficaria com dor de cotovelo pelo resto da vida.

Permaneci ali, atrás da capela, até perceber que todos tinham ido embora. Então dei meia-volta. O pastor de cabeça raspada estava lá fora, nos degraus. Assim como a irmã de Natalie, Julie. Ela pôs a mão no meu braço.

– Você está bem?

– Estou ótimo – respondi.

O pastor sorriu para mim.

– Que belo dia para um casamento, não acha?

Pisquei à luz do sol.

– Acho que sim – falei, antes de ir embora.

Faria o que Natalie me pedira. Iria deixá-la em paz. Pensaria nela todos os dias, mas nunca telefonaria, não tentaria me aproximar nem a procuraria on-line. Manteria a promessa.

Por seis anos.

capítulo 2

SEIS ANOS DEPOIS

EMBORA EU NÃO TIVESSE COMO SABER disso na hora, a maior mudança da minha vida chegaria entre 15h29 e 15h30.

Minha aula de Política do Pensamento Moral para a turma dos calouros tinha terminado naquele instante. Eu estava saindo do Bard Hall. O dia de aulas chegara ao fim. O sol estava forte em Massachusetts naquela tarde fresca. Um jogo de *frisbee* rolava na quadra. Os alunos estavam espalhados por todos os cantos, como se dispersados pela mão de um gigante. Ouvia-se música a todo volume. Era como se o panfleto do campus dos sonhos tivesse ganhado vida.

Adoro dias assim. Mas quem não gosta?

– Professor Fisher?

Virei-me ao ouvir o chamado. Sete estudantes estavam sentados na grama, num semicírculo. A garota que falou estava no meio.

– Gostaria de se juntar a nós? – perguntou.

– Obrigado, mas tenho que atender alguns alunos agora – respondi, com um sorriso.

Continuei andando. Eu não podia ficar, embora fosse adorar me sentar com eles num dia glorioso como aquele – quem não gostaria? As linhas que separavam professores e alunos eram muito tênues e, me desculpem, por mais cruel que isso soe, eu não queria ser *aquele* professor, se é que me entendem, que anda demais com os alunos, frequentando ocasionalmente festinhas de fraternidades e às vezes oferecendo uma cerveja no fim do jogo de futebol. Um professor deve dar apoio e ser acessível, mas não é colega ou pai.

Quando cheguei a Clark House, a Sra. Dinsmore me cumprimentou com a carranca habitual. Uma típica megera, ela era a recepcionista do departamento de Ciência Política desde o tempo do governo Hoover, acho. Tinha no mínimo 200 anos, mas era tão impaciente e desagradável quanto alguém com metade dessa idade.

– Boa tarde, minha linda – falei. – Algum recado?

– Na sua mesa – respondeu a Sra. Dinsmore. Até sua voz era mal-humorada. – E a mesma fila de sempre já se formou na sua porta.

– Ok, obrigado.

– Parece até que está havendo um teste para algum musical lá.

– Entendi.

– O seu antecessor nunca foi acessível assim.

– Ah, que isso, Sra. Dinsmore? Eu sempre vinha visitá-lo aqui quando era aluno.

– Sim, mas pelo menos a sua bermuda tinha um comprimento adequado.

– E isso a decepcionava um pouco, não é?

A Sra. Dinsmore fez o possível para não sorrir.

– Suma da minha frente, está bem?

– Pode confessar.

– Quer levar um chute na bunda? Saia daqui.

Mandei um beijo para ela e entrei pela porta dos fundos a fim de evitar a fila de alunos que me procuravam às sextas-feiras. Dou duas horas de atendimento “não agendado” uma vez por semana, de três às cinco da tarde. Era um horário aberto, nove minutos por aluno, sem planejamento, sem precisar marcar com antecedência. Eles apenas aparecem – são atendidos em ordem de chegada. O tempo é cronometrado. São nove minutos. Nem mais nem menos, depois um minuto para sair e deixar que o próximo aluno entre. Se for preciso mais tempo, se eu estiver orientando uma tese ou algo assim, a Sra. Dinsmore marca uma hora para um encontro mais longo.

Às três em ponto mandei entrar a primeira aluna. Ela queria discutir teorias de Locke e Rousseau, dois cientistas políticos mais conhecidos agora por suas reencarnações no seriado *Lost* do que por suas teorias filosóficas. O segundo aluno não tinha nenhum motivo para estar ali, a não ser – e estou sendo grosseiro – encher o saco. Às vezes eu sentia vontade de levantar a mão e perguntar: “por que, em vez de vir aqui, você não faz uns biscoitos para mim?” Mas me controlava. A terceira queria reclamar da nota; achava que seu trabalho B+ devia ser um A-, quando na verdade estava mais para um simples B.

Era assim mesmo. Alguns vinham à minha sala para aprender, outros para impressionar, reclamar, conversar – tudo bem. Não faço julgamentos com base nesses encontros. Seria errado. Trato todos os alunos que passam por essa porta da mesma forma, porque estamos aqui para *ensinar*, se não for ciência política, talvez um pouquinho de pensamento crítico ou até –

pasmem! – algo sobre a vida. Se os estudantes já nos chegassem completamente formados e sem inseguranças, qual seria a graça?

– Vai continuar B+ – falei, depois que ela terminou sua arenga. – Mas aposto que você vai conseguir aumentar sua nota no próximo trabalho.

O despertador do relógio tocou. Sim, como eu disse, o tempo é cronometrado. Eram exatamente 15h29. Por isso que, ao olhar para trás, para tudo o que viria a acontecer, sabia com precisão quando tinha começado – entre 15h29 e 15h30 da tarde.

– Obrigada, professor – falou ela, levantando-se para ir embora.

Levantei-me também.

Minha sala não havia mudado nada desde que eu me tornara chefe do departamento quatro anos antes. Eu a herdei de meu antecessor e mentor, o professor Malcolm Hume, secretário de Estado durante um governo, chefe de gabinete em outro. Havia ainda aquela maravilhosa essência de desordem acadêmica – globos antigos, livros enormes, manuscritos amarelados, pôsteres descolando das paredes, retratos emoldurados de homens barbudos. Não tinha escrivaninha na sala, só uma grande mesa de carvalho para doze pessoas, o número exato de alunos na minha turma de doutorandos.

Havia bugigangas por todos os lados. Não me dei o trabalho de redecorar o espaço – não em homenagem ao meu mentor, como muitos pensam, mas porque, em primeiro lugar, eu era preguiçoso e não me sentia nem um pouco incomodado com a decoração antiga; em segundo, não tinha um estilo pessoal nem fotografias de família para pendurar. Tampouco ligava para essa bobagem de “o escritório é o reflexo do homem” ou, se ligava, o homem era aquele mesmo. E terceiro, sempre achei que as quinquilharias conduziam à expressão individual. Existe algo na esterilidade e na organização que inibe a espontaneidade dos estudantes. Aquelas bugigangas pareciam acolher a liberdade de expressão dos meus alunos – o ambiente já é confuso e bagunçado, pareciam pensar, então que dano as minhas ideias ridículas poderiam causar?

Mas, acima de tudo, era porque eu tinha preguiça e não me importava.

Nós dois nos levantamos da grande mesa de carvalho e apertamos as mãos. Ela segurou a minha um segundo a mais do que o necessário, então a retirei com rapidez intencional. Não, isso não acontece o tempo todo. Mas acontece. Estou com 35 anos agora, mas, quando comecei aqui – o jovem professor de 20 e poucos –, isso ocorria com mais frequência. Lembra-se daquela cena de *Os caçadores da arca perdida* em que uma aluna escrevia

“te amo” nas pálpebras? Algo parecido aconteceu comigo no meu primeiro semestre. Só que o pronome não era “te”, mas “me”, e o verbo começava com C. Não me gabo disso. Nós, professores, estamos numa posição de muito poder. Os homens que caem nessa ou acreditam ser, de alguma forma, dignos dessa atenção (sem querer ser sexista, mas quase sempre são homens) em geral são mais inseguros e carentes do que qualquer aluna com complexo de Édipo.

Quando me sentei à espera do próximo aluno, olhei para o computador no lado direito da mesa. O protetor de tela da faculdade estava ativo. Era algo tipicamente universitário, acho. À esquerda, havia uma exibição de slides da vida no campus, jovens de todas as raças, religiões, credos e gêneros se divertindo, interagindo uns com os outros, com os professores, fazendo atividades extracurriculares. O banner no alto mostrava a logo da universidade e os prédios mais famosos, inclusive a prestigiosa capela Johnson, uma versão em grande escala daquela onde eu vira Natalie se casar.

Na parte direita da tela, via-se um *feed* de notícias da instituição.

– E aí, professor, como vão as coisas? – perguntou Barry Watkins, o próximo aluno da fila, ao entrar.

Nesse mesmo instante, vi um obituário entre as notícias que me fez parar.

– Oi, Barry – falei, com os olhos ainda na tela – Sente-se.

Ele obedeceu e pôs os pés em cima da mesa. Sabia que eu não me incomodava. Barry vinha todas as semanas. Conversávamos sobre tudo e nada. Suas visitas eram mais uma espécie de terapia do que qualquer outra coisa que tivesse a ver com o universo acadêmico, mas por mim estava perfeitamente bem.

Olhei mais de perto para o monitor. O que me fizera parar tinha sido a fotografia do falecido, do tamanho de um selo. Não o reconheci – não àquela distância –, mas parecia jovem. De certa forma, isso não era incomum nos obituários. Muitas vezes a faculdade, em vez de conseguir uma foto recente, escaneava a do anuário. No entanto, mesmo com uma olhada rápida, pude ver que esse não era o caso. O corte de cabelo não era dos anos 1960 ou 1970. A foto não era em preto e branco, como eram as dos anuários até 1989.

Entretanto, somos uma faculdade pequena, mais ou menos uns quatrocentos alunos por curso. A morte não era incomum, mas, talvez por causa do tamanho da instituição ou pela minha ligação com ela, tanto como estudante quanto como professor, sempre me senti envolvido de alguma forma quando alguém morria.

– Ei, professor?

– Um segundo, Barry.

Eu estava tomando o tempo dele. Uso um cronômetro portátil que imita um placar, desses que se vê nas quadras de basquete, com gigantescos números vermelhos. Um amigo tinha me dado de presente, achando que, por causa do meu tamanho, eu devia ter sido jogador de basquete. Nunca joguei, mas adorava o relógio. Estava automaticamente ajustado para uma contagem regressiva de nove minutos e agora marcava 8:49.

Cliquei na pequena foto. Quando ela abriu, ficando maior, consegui conter um arquejo.

O nome do morto era Todd Sanderson.

Eu havia bloqueado o último nome de Todd da memória – o convite dizia apenas “Casamento de Todd e Natalie!” –, mas conhecia aquele rosto. Não tinha mais a barba. Na foto, ele aparecia barbeado, com o cabelo raspado à máquina. Perguntei-me se teria sido por influência de Natalie – ela sempre reclamava que minha barba malfeita irritava sua pele – e depois me espantei por estar pensando numa coisa tão idiota.

– O tempo está passando, profe.

– Um segundo, Barry. E não me chama de profe.

A notícia dizia que Todd tinha 42 anos. Era um pouco mais velho do que eu imaginava. Natalie tinha 34, um ano a menos que eu. Achei que ele tivesse uma idade mais próxima da nossa. Segundo o obituário, havia sido um ponta de linha ofensivo no time de futebol e ficara entre os finalistas na seleção para a bolsa Rhodes. Impressionante. Formou-se com louvor no departamento de História, fundou uma instituição de caridade chamada Novo Começo e, durante o último ano de curso, fora presidente da Psi U, minha fraternidade.

Todd não só era ex-aluno da minha faculdade como também tínhamos sido da mesma fraternidade. Como eu não sabia de nada disso?

Havia mais, muito mais... Porém fui para a última linha:

O enterro será domingo em Palmetto Bluff, Carolina do Sul, perto de Savannah, Geórgia. Sr. Sanderson deixa esposa e dois filhos.

Dois filhos?

– Professor Fisher?

Havia algo estranho na voz de Barry.

– Desculpe, eu só estava...

– Não, cara, não tem problema. Você está bem?

– Sim, tudo bem.

– Tem certeza? Você está branco, cara. – Barry pôs os pés no chão e as mãos sobre a mesa. – Escute, posso voltar outra hora.

– Não.

Tirei os olhos do monitor. Aquilo teria que esperar. O marido de Natalie morrera jovem. Era triste, trágico até, mas isso não tinha nada a ver comigo. Não era motivo para cancelar o trabalho ou causar um inconveniente aos meus alunos. É claro que eu havia ficado muito surpreso, não só com a morte de Todd, mas também com o fato de ele ter estudado na mesma universidade que eu. Era uma coincidência um tanto bizarra, acho, mas nenhuma revelação capaz de destruir o mundo.

Talvez Natalie gostasse dos caras de Lanford.

– Então, o que me conta? – perguntei a Barry.

– Você conhece o professor Byrner?

– Claro.

– Ele é um idiota.

Era verdade, mas eu não podia dizer aquilo.

– Qual é o problema?

Não tinha visto a causa da morte no obituário. Muitas vezes as notícias do campus não informavam. Mais tarde eu olharia outra vez. Se não estivesse lá, talvez pudesse encontrar um obituário mais completo na internet.

Mas por que eu iria querer saber mais? Que diferença fazia?

Era melhor ficar longe daquilo.

De todo modo, isso teria que esperar até o fim do horário de atendimento. Terminei com Barry e segui em frente. Tentava deixar de lado os pensamentos sobre o obituário e me concentrar nos alunos. Eu não estava me sentindo bem, mas eles não notavam. Em geral não conseguem imaginar que os professores têm suas próprias vidas, da mesma forma que não podem conceber os pais fazendo sexo. Por um lado, aquilo era bom. Por outro, sempre os faço lembrar que devem olhar para além de si mesmos. Uma característica da condição humana é que todos pensamos que somos singularmente complexos, ao passo que os outros são mais fáceis de compreender. Não é verdade, claro. Todos têm seus sonhos, esperanças, vontades, desejos e mágoas. Todos têm um tipo próprio de loucura.

Minha cabeça flutuava. O tempo parecia se arrastar, como se eu fosse o aluno mais entediado na aula mais chata de todas. Quando deram cinco

horas, voltei à tela do computador. Encontrei o obituário completo de Todd Sanderson.

Nada. Não diziam a causa da morte.

Curioso. Às vezes era possível encontrar uma pista na área de doações sugeridas. Podiam pedir que, em vez de mandar flores, as pessoas fizessem uma doação à Sociedade Americana Contra o Câncer ou algo do gênero. Mas não havia nada do tipo. Também não tinha nenhuma referência à ocupação de Todd, mas e daí?

A porta da sala se abriu e Benedict Edwards, professor do departamento de Ciências Humanas e meu amigo mais próximo, entrou. Não se deu o trabalho de bater, mas nunca precisou fazer isso. Nós nos encontrávamos às sextas, às cinco horas, e íamos a um bar onde, quando estudante, eu trabalhara como segurança. Na época era novo, reluzente e moderno. Agora estava velho e decadente.

Na aparência, Benedict era praticamente o oposto de mim: baixo, de ossatura fina e afrodescendente. Os olhos eram aumentados por óculos com lentes grossas, parecidos com os de proteção usados no departamento de Química. Apollo Creed, do filme *Rocky*, devia ser a inspiração para seu bigode grande demais e para o corte de cabelo afro, meio afetado. Ele tinha dedos finos, como os de uma mulher que tocasse piano e pés de causar inveja a uma bailarina – e nem mesmo um cego poderia confundir-lo com um lenhador.

Apesar disso tudo – ou talvez justamente por isso –, Benedict era um “matador” e pegava mais mulheres que um *rapper* com um sucesso nas rádios.

– Qual é o problema? – perguntou ele.

Abri mão de dizer “nada” ou de perguntar “como você sabe que há algum problema?” e fui direto ao ponto:

– Você já ouviu falar de Todd Sanderson?

– Acho que não. Quem é?

– Um ex-aluno. Seu obituário está nas notícias.

Virei o monitor para ele. Benedict ajustou os óculos.

– Não o conheço. Por quê?

– Você se lembra da Natalie?

Uma sombra cruzou seu rosto.

– Não ouço você falar no nome dela desde...

– Eu sei, eu sei. Enfim, esse é... ou era... o marido dela.

– O cara por quem ela trocou você?
– Sim.
– E agora ele está morto?
– Parece que sim.
– Então – disse Benedict, arqueando uma sobrancelha –, ela está solteira de novo?
– Como você é sensível.
– Estou preocupado. Você é o meu melhor companheiro de farra. Eu tenho um papo que as mulheres adoram, claro, mas você é boa-pinta. Não quero perder sua companhia.
– Que sensível – repeti.
– Você vai ligar para ela?
– Para quem? – perguntei.
– Condoleezza Rice. De quem você acha que estou falando? Natalie.
– Sim, claro. E dizer algo como: “Ei, o cara por quem você me trocou morreu. Vamos pegar um cinema?”
Benedict estava lendo o obituário.
– Espera.
– O quê?
– Aqui diz que ela tem dois filhos.
– E daí?
– Isso complica um pouco as coisas.
– Quer parar?
– Estamos falando de dois filhos. Ela pode estar gorda agora. – Benedict olhou para mim com seus olhos enormes. – Então, como será a aparência de Natalie hoje em dia? Dois filhos. Deve ter encorpado, não?
– Como é que eu vou saber?
– Ué, como todo mundo. Pelo Google, Facebook, essas coisas.
Balancei a cabeça.
– Nunca fiz isso.
– O quê? Todo mundo faz isso. Caramba, faço isso com todas as minhas ex-namoradas.
– E a internet consegue suportar todo esse tráfego?
Benedict sorriu.
– Preciso de um servidor só para mim.
Mas havia algo triste por trás daquele sorriso. Lembrei-me de uma vez num bar, quando Benedict bebeu mais que de costume e peguei-o olhando

para uma fotografia meio amassada que mantinha escondida na carteira. Perguntei quem era. “A única garota que amei”, respondeu-me ele, com a voz arrastada. Depois tornou a guardar a foto atrás do cartão de crédito e, apesar das minhas insinuações, nunca mais disse uma palavra sobre o assunto.

Ele dera esse mesmo sorriso naquela ocasião.

– Prometi a Natalie – falei.

– Prometeu o quê?

– Que os deixaria em paz. Que nunca os procuraria nem os incomodaria. Benedict ficou pensando naquilo.

– Parece que você cumpriu a promessa, Jake.

Eu não disse nada. Benedict havia mentido. Ele não procurava os perfis das ex-namoradas no Facebook ou, se o fazia, não era com muito entusiasmo. Uma vez, porém, quando entrei em sua sala – assim como ele, eu nunca batia –, vi-o usando o Facebook. Dei uma olhada rápida e notei que estava no perfil da mesma mulher cuja foto ele levava na carteira. Benedict fechou o navegador depressa, mas aposto que visitava muito aquela página. Todo dia, talvez. Aposto que via todas as fotos novas da única mulher que amara. Aposto que acompanhava sua vida agora, espiava a família dela, o homem que dividia sua cama. E devia olhar para eles da mesma forma que tinha fitado a fotografia na carteira. Não tenho provas de nada disso, é só um palpite, mas não acho que esteja muito longe da verdade.

Como falei antes, todos temos as nossas loucuras.

– O que você está tentando dizer? – perguntei.

– Só estou falando que toda essa história de “eles” acabou.

– Natalie não faz parte da minha vida há muito tempo.

– Você acredita mesmo nisso? – perguntou Benedict. – Ela também fez você prometer se esquecer do que sentia?

– Pensei que você estivesse com medo de perder seu melhor parceiro.

– Você não é tão boa-pinta assim.

– Seu filho da mãe.

Ele se levantou.

– Nós, professores de humanas, sabemos de tudo.

Então, Benedict me deixou sozinho. Levantei-me e fui até a janela. Olhei para o gramado. Observei os alunos caminhando e, como costumava fazer diante de um problema, perguntei-me que conselho daria a um deles se estivesse no meu lugar. De repente, sem aviso, veio tudo à tona de uma vez

só – a capela branca, o penteado dela, o jeito como mostrou o dedo anular, todo o sofrimento, a ausência, as emoções, o amor, a dor. Meus joelhos fal-saram. Eu achava que tinha deixado de gostar dela. Natalie me destruíra, mas eu havia recolhido os pedaços, colado outra vez e seguido em frente.

Era idiota ter esses pensamentos agora. Além de egoísta e inapropriado. Ela acabara de perder o marido e eu, imbecil, estava preocupado com as implicações que isso teria para mim. Deixe para lá, disse a mim mesmo. Esqueça Natalie e toda essa história. Siga em frente.

Mas eu não conseguia. Não era da minha natureza.

Tinha visto Natalie pela última vez num casamento. Agora a veria num funeral. Algumas pessoas perceberiam certa ironia nisso – eu não era uma delas.

Voltei para o computador e reservei um voo para Savannah.

capítulo 3

O PRIMEIRO SINAL DE QUE HAVIA alguma coisa errada foi durante o elogio fúnebre.

Palmetto Bluff estava mais para um condomínio gigante com guarita do que para uma cidade. O “vilarejo” recém-construído era bonito, limpo, bem cuidado, historicamente preciso – tudo isso dava ao lugar um ar de esterilidade, uma sensação de falsidade, como no Epcot Center da Disney. Tudo parecia perfeito demais. A reluzente capela branca – sim, mais uma – se erguia sobre um morro tão pitoresco que parecia uma foto. O calor, no entanto, era bem real – uma coisa viva, que emanava uma umidade tão densa que parecia uma cortina de fumaça.

Outro efêmero momento de lucidez me fez questionar o que eu estava fazendo ali, mas descartei-o. Já estava lá mesmo, o que tornava a pergunta inútil. O hotel de Palmetto Bluff parecia um cenário cinematográfico. Entrei no bar bonitinho e pedi um uísque puro a uma garçanete bonitinha.

– Você veio para o funeral? – perguntou ela.

– Sim.

– Trágico.

Assenti e olhei para a minha bebida. A garçanete bonitinha entendeu a dica e não disse mais nada.

Orgulho-me de ser um homem esclarecido. Não acredito em fatalidade, destino ou em nenhuma dessas superstições bobas. No entanto, ali estava, justificando minha conduta impulsiva precisamente dessa maneira. Eu *devia* estar aqui, disse a mim mesmo. Fui forçado a pegar aquele voo. Não sabia por quê. Tinha visto com meus próprios olhos Natalie se casando com outro homem, e ainda assim, mesmo agora, não conseguia aceitar aquilo. Sentia necessidade de um desfecho. Seis anos antes, Natalie me dera o fora com um bilhete dizendo que ia se casar com o ex-namorado. No dia seguinte, recebi um convite para o casamento. Não era de espantar que isso tudo ainda parecesse... incompleto. Agora eu estava ali, na esperança de encontrar, se não um encerramento, uma conclusão.

É impressionante como conseguimos racionalizar tudo quando queremos muito alguma coisa.

Mas o que exatamente eu queria ali?

Terminei a bebida, agradei à garçonete bonitinha e, cauteloso, me dirigi à capela. Mantive-me afastado, é claro. Eu podia ser horrível, insensível e estar movido por um interesse pessoal, mas não a ponto de incomodar uma viúva enterrando o marido. Fiquei atrás de uma árvore – um palmito, é claro –, sem ousar sequer dar uma espiada nos presentes.

Ao ouvir o hino fúnebre de abertura, percebi que o caminho estava tão livre quanto seria possível. Uma olhada rápida confirmou essa impressão. Todos se encontravam dentro da capela. Fui até lá. Um coral gospel cantava. Em uma palavra, era magnífico. Sem saber muito bem o que fazer, tentei abrir a porta, vi que não estava trancada (óbvio) e empurrei-a. Baixei a cabeça ao entrar, colocando a mão no rosto como se estivesse me coçando.

Foi um disfarce horrível, eu sei.

Nem havia necessidade. A capela estava lotada. Fiquei no fundo, com os que haviam chegado atrasados e não encontraram lugar para sentar. O coral terminou de cantar e um homem – não sei se era pastor, sacerdote ou o quê – subiu ao púlpito. Começou a falar sobre como Todd era “um médico atencioso, bom vizinho, amigo generoso e um maravilhoso pai de família”. Médico. Não sabia disso. O homem salientou as qualidades de Todd – a caridade, a personalidade carismática, o coração generoso, a capacidade de fazer qualquer um se sentir especial, a disponibilidade para arregaçar as mangas e começar a trabalhar sempre que alguém, fosse amigo ou desconhecido, precisasse de ajuda. Considerei aquilo um discurso fúnebre padrão – temos o hábito de supervalorizar os mortos –, mas via as lágrimas nos olhos dos presentes, a forma como assentiam a cada palavra, como se fosse uma canção que só eles pudessem ouvir.

De minha posição lá no fundo, tentei vislumbrar Natalie lá na frente, mas havia muitas cabeças no caminho. Não queria chamar atenção, então parei. Além disso, eu já tinha entrado na capela, dado uma olhada e ouvido palavras elogiosas sobre o falecido. Não era o bastante? O que mais havia para eu fazer ali?

Era hora de partir.

– Nosso primeiro discurso – disse o homem no púlpito – será de Eric Sanderson.

Um adolescente pálido – calculei que tivesse uns 16 anos – se levantou e foi até o púlpito. Meu primeiro palpite foi de que Eric devia ser sobrinho de Todd Sanderson (e, por extensão, de Natalie), mas esse pensamento se mostrou errado assim que o garoto começou a falar.

– Meu pai foi meu herói...

Pai?

Precisei de alguns segundos. Nosso cérebro costuma ter dificuldade de retornar depois que toma determinado caminho. Quando era criança, meu pai me contou uma charada achando que eu fosse gostar. “Pai e filho sofrem um acidente de carro. O pai morre. O garoto é levado às pressas para o hospital. Quem está de plantão diz: ‘Não posso operar esse menino. Ele é meu filho.’ Como pode ser?” É isso que quero dizer com os caminhos do cérebro. Para a geração do meu pai, essa charada devia ser difícil, mas, para as pessoas da minha idade, a resposta – quem estava de plantão era a mãe do garoto – era tão óbvia que me lembro de soltar uma gargalhada.

Aquela era uma situação parecida. Eu me perguntava como um homem que só estava casado com Natalie havia seis anos podia ter um filho adolescente. Resposta: Eric era filho só de Todd, não dela. Ou ele já fora casado ou no mínimo tivera um filho com outra mulher.

Mais uma vez tentei ver Natalie na primeira fila. Entortei o pescoço, mas a mulher ao meu lado soltou um suspiro exasperado por eu estar invadindo seu espaço. Lá no púlpito, o filho de Todd, Eric, estava arrasando. Falava bonito e com emoção. Não havia um par de olhos secos na capela, exceto o meu.

E agora? Ficaria ali? Daria os pêsames à viúva, deixando-a confusa e perturbando seu luto? E quanto a mim, esse egoísta? Queria de fato ver o rosto dela outra vez? Queria vê-la chorando a perda do amor da sua vida?

Melhor não. Olhei para o relógio. Tinha reservado o voo de volta para aquela noite. Sim, bate e volta. Simples e fácil, nada de passar a noite e gastar com hotel. Um desfecho econômico.

Havia os que diziam o óbvio sobre mim e Natalie – que eu idealizara nosso tempo juntos de maneira irracional. Entendo. Sendo objetivo, percebo que esse argumento é válido. Mas o coração não é objetivo. Eu, que venerava os grandes pensadores, teóricos e filósofos do nosso tempo, nunca me rebaixaria a usar um axioma tão batido quanto *eu apenas sei*. Mas eu *sei mesmo*. Sei o que Natalie e eu fomos. Vejo claramente, sem o menor borrão, e por isso não consigo avaliar o que nos tornamos.

Resumindo, ainda não entendo o que aconteceu entre nós.

Quando Eric terminou e voltou a se sentar, o som de soluços baixinhos ecoou pela reluzente capela branca. O clérigo que presidia o funeral retornou ao púlpito e fez o gesto universal de “de pé, por favor”. A congregação

começou a se levantar e aproveitei para sair. Fiz o caminho de volta até o palmito. Encostei-me no tronco, ficando fora de vista para os que estavam na capela.

– Você está bem?

Virei-me e vi a garçonete bonitinha.

– Sim, estou bem, obrigado.

– Grande homem, o doutor.

– É – falei.

– Vocês eram próximos?

Não respondi. Minutos depois, as portas da capela se abriram. O caixão foi empurrado para fora, ao sol forte. Quando chegou perto do carro funerário, os responsáveis por carregá-lo, entre eles o filho, Eric, cercaram-no. Uma mulher usando um grande chapéu preto vinha atrás. Tinha o braço em torno de uma garota de cerca de 14 anos. A seu lado, vinha um homem alto. Ela se apoiou nele. Achei que deviam ser o irmão e a irmã, mas era apenas um palpite. O caixão foi erguido e colocado na traseira do carro funerário. A mulher de chapéu preto e a garota foram levadas até a primeira limusine. O possível irmão alto abriu a porta para elas. Eric entrou em seguida. Fiquei observando o restante dos presentes começar a sair.

Nenhum sinal de Natalie ainda.

Achei só um pouco estranho. Já tinha visto as duas situações. Às vezes a esposa era a primeira a sair, atrás do caixão, com uma das mãos sobre ele. Em outras ocasiões era a última, esperando que a capela esvaziasse antes de enfrentar o caminho até a porta. Lembro que minha mãe não quis falar com ninguém no funeral do meu pai. Saiu por uma porta lateral para evitar encontrar a família e os amigos.

Eu observava as pessoas saindo. Seu sofrimento, como o calor do sul, havia se tornado uma coisa viva. Era sincero e palpável. Não estavam ali só por cortesia. Gostavam daquele homem. Estavam abaladas com sua morte. O que eu esperava? Que Natalie tivesse me trocado por um perdedor? Não era melhor tê-la perdido para esse médico adorado em vez de um sedutor cretino?

Boa pergunta.

A garçonete ainda estava parada ao meu lado.

– Como ele morreu? – sussurrei.

– Você não sabe?

Balancei a cabeça. Silêncio. Virei-me para ela.

– Assassinado – falou.

A palavra ficou suspensa no ar úmido, recusando-se a ir embora. Eu a repeti:

– Assassinado?

– Sim.

Abri a boca, fechei-a, tentei outra vez.

– Como? Quem?

– Foi baleado, acho. Não tenho certeza sobre essa parte. A polícia ainda não sabe quem foi. Acham que foi um assalto frustrado. Você sabe, o cara invadiu a casa sem saber que tinha gente lá.

Senti um torpor. Todas as pessoas tinham saído da capela. Olhei fixamente para a porta e esperei Natalie aparecer.

Mas isso não aconteceu.

O homem que havia presidido a cerimônia saiu, fechando a porta atrás de si. Ele acomodou-se no banco da frente do carro funerário, que deu a partida. A primeira limusine o seguiu.

– Tem alguma saída lateral? – perguntei.

– O quê?

– A capela. Tem outra porta?

Ela franziu a testa.

– Não. Só essa.

O cortejo se pôs em movimento. Onde estava Natalie?

– Você não vai ao cemitério? – perguntou-me a garçonete.

– Não – respondi.

Ela pôs a mão no meu braço.

– Parece que você está precisando de um drinque.

Não havia o que discutir. Fui meio que cambaleando atrás dela em direção ao bar e desabei no mesmo banco de antes. Ela me serviu outro uísque. Eu mantinha os olhos no cortejo, na porta da capela, na pequena praça da cidade.

Nada de Natalie.

– Meu nome é Tess.

– Jake – falei.

– Como você conheceu o Dr. Sanderson?

– Estudamos na mesma universidade.

– Sério?

– Sim. Por quê?

– Você parece mais novo.
– E sou. Ele já era ex-aluno.
– Ah, ok, faz sentido.
– Tess?
– Sim?
– Você conhece a família do Dr. Sanderson?
– O filho dele, Eric, namorou minha sobrinha. É um bom garoto.
– Quantos anos ele tem?
– Dezesseis, talvez 17. Que tragédia. Ele e o pai eram muito ligados.
Não sabia como tocar no assunto, então fui direto:
– Você conhece a esposa do Dr. Sanderson?
Tess inclinou a cabeça de lado.
– Você não conhece?
– Não – menti. – Nunca a encontrei. Só nos conhecíamos de alguns eventos na universidade. Ele ia sozinho.
– Você parece muito comovido para um cara que só o conhecia de alguns eventos na universidade.
Não sabia como responder àquilo, então protelei, tomando um grande gole de uísque. Em seguida falei:
– É que, bem, não a vi no funeral.
– Como sabe?
– O quê?
– Você acabou de dizer que não a conhece. Como saberia?
Cara, não sou mesmo bom nisso.
– Vi umas fotos.
– Não deviam ser boas.
– Como assim?
– Ela estava lá. Saiu logo depois do caixão, com Katie.
– Katie?
– A filha deles. Eric estava carregando o caixão. Depois o irmão do Dr. Sanderson saiu com Katie e Delia.
Lembrava-me delas, claro.
– Delia?
– A esposa do Dr. Sanderson.
Minha cabeça começou a rodar.
– Achei que o nome dela fosse Natalie.
Ela cruzou os braços e franziu a testa para mim:

– Natalie? Não. O nome dela é Delia. Ela e o Dr. Sanderson começaram a namorar ainda na época da escola. Cresceram aqui perto dessa rua. Estavam casados havia séculos.

Eu apenas a encarava.

– Jake?

– O quê?

– Tem certeza de que está no enterro certo?

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br